

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
28 DE MAIO DE 2022
DOUBLE BILL

TETSUO /1989

(*Tetsuo – O Homem de Ferro*)

Um filme de Shin'ya Tsukamoto

Realização, Produção e Argumento: Shin'ya Tsukamoto / Direcção de Fotografia: Kei Fujiwara, Shin'ya Tsukamoto / Figurinos: Kei Fujiwara / Música: Chu Ishikawa / Interpretação: Tomorô Taguchi (Salary Man), Key Fujiwara (Woman), Nobu Kanaoka (Woman in Glasses), Shyn'ia Tsukamoto (Metal Fetishist)

Produção: Kaijyu Theater / Cópia: digital, preto e branco, versão original, 67 minutos, com legendas em português / Estreia Mundial: Itália, Junho de 1989 (Fantafestival) / Primeira Exibição na Cinemateca

TETSUO, é apresentado em "double bill" com **DECODER**, de Muscha ("folha" distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 15 minutos.

TETSUO é uma incontornável obra de culto e o filme que firmou Shyn'ia Tsukamoto como uma das principais figuras do *cyberpunk* japonês, género que no terreno fértil da ficção científica dos anos 80 criou uma identidade visual e temática deveras independente, influenciado em grande parte pela subcultura punk japonesa dos anos 70 e pelos filmes que nela se originaram, entre os quais CRAZY THUNDER ROAD (1980), de Sogo Ishii, é um exemplo precursor por excelência, bem como a estética dos desenhos de *mangas* como *Akira*. Desenvolveu-se também através do *body horror* e de temas em torno de uma visão ao mesmo tempo sombria e extática do transumanismo e das metamorfoses do corpo humano nas suas relações mais distópicas com a tecnologia, apresentando visíveis e múltiplas vezes reiteradas ligações a ERASERHEAD de Lynch e, principalmente, à perversidade tecnológica e visceral de filmes que David Cronenberg realizou nas décadas de 70 e 80, como SHIVERS (1975), VIDEODROME (1983) e THE FLY (1986).

Tsukamoto realiza, em todo o seu excesso, um frenético e implacável pesadelo tecnológico em volta de uma fusão monstruosamente fetichista do homem com metal, numa relação que se revolve na dor e no prazer, dicotomia que é experimentada desde o início, com o fetichista, interpretado pelo realizador, que insere uma barra de metal na própria perna, antes do seu atropelamento pelo "salary man" numa sequência que sugere uma relação de amor com o carro precedente a CRASH (tanto ao filme como ao livro de J.G. Ballard). Ao longo de todo o filme é explorada uma sexualidade que opõe o biológico ao tecnológico. Na possessão do protagonista pelo fetichismo, o orgânico é constantemente submetido à agressão e à destruição, e só o metal e o tecnológico se

abraçam e se fundem numa celebração apocalíptica da destruição. Esta óbvia visão crítica do mundo tecnológico está espalhada pela iconoclastia dos décors e dos figurinos: o metal que os preenche parece vir de uma sucata, inspirando a ideia de uma descontextualização material dos seus objetos e dos humanos dos quais se apropriam, originando uma decadência simbólica e uma imagem de Tóquio, como Tsukamoto a define, enquanto "selva urbana" em que a tecnologia assume uma função ora de alienação, ora estética no seu contexto cinematográfico. Estas questões de função são, no entanto, exploradas na interpenetração intermediática das visualidades vídeo e televisiva, usadas principalmente quando são expressadas as memórias do protagonista ou pontos de vistas do "metal fetichist" enquanto persegue a sua vítima, implicando os efeitos da mediação tecnológica nas noções vigilância e subjetividade.

Tetsuo torna-se singular pela sua qualidade *low budget* da sua produção. O filme foi filmado em 16 mm, entre as ruas de Tóquio e a pequena casa da atriz Kei Fujiwara, sendo que ela própria filmou os planos de Tsukamoto, para além de ter concebido os figurinos. As metamorfoses e as perseguições, feitas muitas vezes através de técnicas como *jump cut* e *stop motion* dá-lhe uma qualidade experimental que reivindica a brutalidade da sua intensidade para características especificamente cinematográficas de acordo com um género experimentalista: Tsukamoto e Tomorô Taguchi deslizam pela cidade como se de carros se tratassem, e o metal e a ferrugem apropriam-se dos corpos de um modo abrupto e repentino, intensificando cada passo das suas transformações. Brutalidade também potenciada pela portentosa banda sonora concebida por Chu Ishikawa, que preenche o filme com ritmos e texturas metálicas e industriais abrasivas e estabelece uma relação direta entre a natureza do filme e a estética da música industrial e do punk.

Manuel João Montenegro